

SEÇÃO ESPECIAL**IX CIENAGRO – O AGRONEGÓCIO DA BIODIVERSIDADE**

Sustentabilidade e adoção de novos hábitos no setor de hortaliças e frutas brasileiras durante a pandemia do novo coronavírus

Marisa Iva Abrao Malate Gobeia^{1,*} 

¹Escola Superior de Negócios e Empreendedorismo de Chibuto, UEM, Acadêmica do Programa de Pós-graduação em Agronegócios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

*Autor para correspondência: marimalate@gmail.com

Recebido em 15.XII.2021

Aceito em 16.II.2022

DOI 10.21826/2446-82312022v77e2022010

RESUMO – O agronegócio, apesar das dificuldades motivadas pela emergência mundial de saúde, apresenta resiliência e adaptação de suas atividades devido à essencialidade da segurança alimentar. As pessoas continuam se alimentando, apesar de novos hábitos terem sido estabelecidos e é importante entender esses comportamentos e captar as oportunidades. Desde março de 2020, a economia, bem como, o setor de hortaliças e frutas vêm sentindo os impactos das medidas de isolamento social no País, como é bem conhecido, emergências sanitárias como a atual, a falta de alimentos é a primeira consequência. O consumo de alimentos saudáveis como hortaliças, frutas e feijão aumentou de 40,2% para 44,6% durante a pandemia nos lares brasileiros. Diante disso, o objetivo deste estudo é analisar os condicionantes do setor de frutas de hortaliças em decorrência da crise da pandemia do Covid-19. Trata-se de um estudo qualitativo e o método utilizado é a revisão de literatura a partir do mapeamento das oportunidades e os desafios dessa cadeia e auxiliar no planejamento desde a produção até a comercialização. Essa reflexão contribui com a ciência e com o agronegócio ao apresentar pontos críticos que merecem a atenção de pesquisadores, governos e agricultores diante do fenômeno da pandemia.

Palavras-chave: agronegócio, oportunidades, pandemia, resiliência.

ABSTRACT – Agribusiness, despite the difficulties caused by the global health emergency, shows resilience and adaptation of its activities due to the essentiality of food security. People continue to eat, despite new habits that have been established and it is important to understand these behaviors and capture opportunities. Since March 2020, the economy, as well as the vegetable and fruit sector, have been feeling the impacts of social isolation measures in the country, as it is well known, health emergencies like the current one, the lack of food is the first consequence. The consumption of healthy foods such as vegetables, fruits and beans increased from 40.2% to 44.6% during the pandemic in Brazilian homes. Therefore, this study aims to analyze the constraints of the fruit and vegetable sector as a result of the Covid-19 pandemic crisis. This is a qualitative study and the method used is a literature review based on mapping the opportunities and challenges of this chain and assisting in planning from production to commercialization. This reflection contributes to science and agribusiness by presenting critical points that deserve the attention of researchers, governments, and farmers in the face of the Pandemic phenomenon

Keywords: agribusiness, pandemic, opportunities, resilience.

INTRODUÇÃO

O agronegócio, apesar das dificuldades motivadas pela emergência de saúde mundial, tem se adaptado e mantém

suas atividades devido à essencialidade da segurança alimentar. As pessoas continuam se alimentando, porém, novos hábitos têm sido estabelecidos e é importante entender esses comportamentos e captar as oportunidades.

Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no IX CIENAGRO Simpósio da Ciência do Agronegócio – "O agronegócio da biodiversidade", promovido pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios (Cepan/UFRGS) e realizado entre nos dias 7 e 8 de outubro de 2021, de forma virtual.

No decorrer do ano de 2020 e primeiro trimestre 2021, os estados brasileiros intercalaram medidas de isolamento e flexibilização das atividades econômicas, o que pode ter favorecido parcialmente o consumo de frutas e hortaliças. Ao contrário de muitas outras culturas que tiveram sua demanda retraída no decorrer de 2020 devido a pandemia, a produção e comercialização de frutas seguiu firme e alcançou a marca de mais de 1 milhão de toneladas de frutas comercializadas, crescimento de 6% em relação ao ano anterior. O setor faturou 875 milhões de dólares, 3% a mais que em 2019 (ABRAFRUTASL 2021).

No geral, as pessoas têm feito as refeições em casa e dedicam mais tempo para o preparo dos alimentos. Além disso, há um apelo forte para a alimentação saudável. O consumo de alimentos saudáveis como hortaliças, frutas e feijão aumentou de 40,2% para 44,6% durante a pandemia nos lares brasileiros (USP 2020), a importância do fator saudabilidade para o bem-estar físico e mental da população, por meio da combinação de alimentação adequada, prática de exercícios físicos e de um estilo de vida saudável, pode ampliar a busca por frutas e hortaliças, pois as classes de poder aquisitivo alteraram seus hábitos de consumo em detrimento da queda da renda.

Para a FAO, dentre os consumidores de menor renda, aumentou a demanda por produtos embalados e congelados à medida que a renda caiu, sendo que os alimentos não perecíveis assumiram a preferência destes consumidores (FAO 2021, FAO 2020a). No Brasil, a banana, continua sendo a fruta mais consumida pelos brasileiros, seguida da laranja e melancia, para hortifrúti, tomate, batata, cebola e cenoura. Crises econômicas, assim como as sanitárias, têm grandes repercussões no acesso aos alimentos, principalmente porque as políticas de austeridade podem apresentar efeitos devastadores nos mecanismos estabelecidos de garantia de direitos sociais (Guimarães 2018).

O “*novo normal*” só deve ocorrer após a taxa de vacinação da população ser significativa, reduzindo a circulação do vírus ou após o desenvolvimento de um remédio eficaz no combate ao corona virus. No decorrer do desenvolvimento do “*novo normal*”, um padrão diferenciado de consumo vem se desenhando. Configura-se como oportunidade para o agronegócio atender a demanda por alimentos de qualidade, frescos e acessíveis para as todas as classes sociais, bem como capturar o valor que a população atualmente despense com alimentos de baixo valor nutricional, denominados ultraprocessados.

Neste contexto, o objetivo deste estudo é analisar os condicionantes do setor de frutas e hortaliças em decorrência da crise da pandemia do Covid-19, através do mapeamento das oportunidades e os desafios dessa cadeia produtiva.

Conceitualmente, uma cadeia produtiva é uma sequência de operações que conduz à produção de uma ou mais mercadorias determinadas. Modernamente, com a globalização, também têm sido chamadas de “cadeias de valor”, porque a capacidade de agregar valor ampliou-

se notavelmente com a correspondente expansão dos mercados envolvidos.

Em termos concretos, a cadeia produtiva somente existirá quando um conjunto de tipos de agentes econômicos que a compõem e suas respectivas ações contribuírem para a produção de mercadorias e estas forem transacionadas em mercados. A produção de valor, portanto, apenas ocorre em mercados, os quais fazem parte obrigatória dos atributos reconhecíveis de qualquer conjunto denominados de “cadeia produtiva” em relação aos alimentos do setor de frutas e hortifruti, são três canais de efeitos através dos quais a pandemia do Covid-19 afeta a produção e distribuição deste setor, através de três canais: i) interrupção do comércio internacional, as restrições de mobilidade e circulação de mercadorias, proporcionam aumento de custos; ii) restrições nos trabalhos na fazenda, decorrentes da restrição de exposição dos trabalhadores ao risco de contaminação ao vírus, que resulta em redução da produtividade; iii) interrupção dos canais de fornecimento de entradas de capital. O efeito difere com o tipo de produto, a estrutura e a organização da cadeia. Um exemplo pode ser observado em pequenas fazendas com uso de mão-de-obra familiar, torna a produção menos vulnerável à redução de mão-de-obra induzida pelo Covi-19 (Hoyweghen *et. al* 2021).

As cadeias de produção de hortifruti e frutas apresentaram elevada resiliência na adaptação e superação das interferências da pandemia do Covid-19. Neste estudo, resiliência se refere a capacidade das cadeias de suprimentos de adaptarem-se para enfrentar rupturas violentas, mantendo o controle da sua estrutura e do seu funcionamento e respondendo às rupturas por meio de planos reativos eficazes e imediatos, recuperando-se para transcender e restaurar a cadeia de suprimentos a um estado robusto de operações. A capacidade da cadeia de alimentos de gerenciar os eventos inesperados por meio da gestão proativa dos riscos de rupturas é entendida como a habilidade de antecipar-se e estabelecer passos planejados para prevenir, responder e recuperar-se de uma interrupção, garantindo o fluxo de funcionamento entre os elos da cadeia (Batalha 2021). Neste contexto, produtores e organizações mais capitalizadas podem apresentar capacidade maior de superar as perdas de curto prazo e adequar rapidamente a produção, comercialização e entrega por meio de inovação (Hoyweghen *et. al* 2021).

MATERIAL E MÉTODOS

Este é um estudo de revisão sistemática descritiva, desenvolvida com produção científica indexada nas seguintes bases eletrônicas de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA) EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), Brazilian Forum of Sovereignty and Food Security (FBSSAN), Food and Agriculture Organization (FAO), Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), Scopus e Pubmed que

enfocam a resiliência em tempo de Pandemia da COVID 19 das cadeias produtivas como descritor nuclear e Segurança alimentar no setor de hortaliças e frutas como descritor complementar.

A revisão sistemática responde a uma pergunta específica e utiliza métodos explícitos e sistemáticos para identificar, selecionar e avaliar criticamente os estudos, para coletar e analisar os dados desses estudos a serem incluídos na revisão.

O recorte temporal abrangeu o período compreendido entre março de 2020 a maio de 2021. Também buscamos utilizar livros-textos que apresentam a resiliência, para suporte no entendimento do conceito e sua aplicabilidade em diversas áreas do conhecimento, uma vez que essa abordagem se configura como recente.

Portanto, este é um debate em construção. Após o levantamento, procedeu-se à análise dos dados, que foram caracterizados por área de conhecimento e frequência de aparecimento em cada uma delas. Outros critérios utilizados para análise foram a seleção dos artigos a partir da análise dos resumos, sendo incluídos os que continham os descritores resiliência em tempos de pandemia das cadeias produtivas e segurança alimentar no setor das hortaliças, e a inclusão dos artigos em roteiro preestabelecido pela autora, contendo questões referentes à fonte, palavra-chave, área de conhecimento, data de publicação e modalidade do artigo.

Para o tratamento dos dados, utilizou-se a classificação por área temática, possibilitando uma visão panorâmica sobre pesquisas desenvolvidas nas grandes áreas (ciências sociais, ciências da saúde e áreas básicas) e enfocando a resiliência em suas várias aplicações e definições nas ciências e, em específico, na cadeia de valor de hortaliças e frutas. Para observar as alterações decorrentes da pandemia do Covid-19 na cadeia de valor de abrangência de frutas e hortaliças, foi utilizada a análise sistêmica.

O enfoque sistêmico tem sido aplicado ao agronegócio devido a crescentes críticas nas falhas às visões reducionistas e permite uma abordagem condizente com a multidisciplinaridade do agronegócio (Zylbersztajn; Neves; Caleman 2015). Avaliar o sistema agroindustrial sob a ótica sistêmica, é estudar a dinâmica das relações entre os agentes envolvidos, que contribui para a compreensão do seu funcionamento, e portanto, justifica-se a importância do enfoque sistêmico no apoio à tomada de decisão na adaptabilidade do sistema (Mykola *et al.* 2019).

O Agronegócio é um sistema complexo, de interações abertas, que interage com diferentes sistemas, numa relação intensa e não linear de cooperação e conflito. Os principais componentes inter-relacionados e organizados dentro de uma estrutura autônoma que devem ser analisados ao observar um sistema são: 1. objetivos: razão pela qual o sistema opera; 2. limites: o que pertence e o que está fora do sistema; 3. contexto: ambiente externo, onde o sistema opera; 4. componentes: principais segmentos que se relacionam; 5. interação: relações entre os componentes; 6. insumos (inputs ou entradas): elementos utilizados pelo

sistema, produzidos externamente; 7. produtos (outputs ou saídas): resultados da operação do sistema; 8. subprodutos: produtos secundários do sistema (Zylberztajn; Neves; Caleman 2015).

RESULTADOS E DICUSSÃO

O ano de 2020 começou com muitas expectativas positivas para muitos setores agrícolas nacionais. Contudo, um novo e grande desafio surgiu repentinamente e se tornou preeminente: enfrentar os possíveis problemas sanitários e econômicos desencadeados pelo avanço do Covid-19 no Brasil e no Mundo.

Após a recessão econômica brasileira de 2015 e 2016, o Brasil caminhava, aos poucos, para uma recuperação. Assim, 2020 seria o ano da retomada econômica, após a aprovação da Reforma da Previdência em 2019 e de uma agenda repleta de outras medidas para estimular os investimentos.

No entanto, o Estado mais enxuto e uma atividade econômica privada ativa (via investimentos) ficaram para trás, com a chegada da pandemia de covid-19. A partir de março de 2020, a pauta mudou e o governo precisou ampliar os gastos, para não só tentar “segurar” a economia (por meio do auxílio emergencial), como também para conter a epidemia e salvar vidas (por meio de uma injeção financeira na área da saúde pública).

Mesmo com esses esforços, as restrições decorrentes das medidas de quarentena (fechamento de estabelecimentos e redução da mobilidade das pessoas), para conter a disseminação do coronavírus, impactam severamente na atividade econômica. Neste contexto foi analisado o sistema de frutas de hortaliças, considerado estratégico por contemplar alimentos classificados saudáveis.

Os principais componentes inter-relacionados integrantes deste sistema agronegocial e as alterações decorrentes da Pandemia foram detalhados na sequência. Inicialmente, destaca-se que o objetivo do setor é atender a demanda por frutas e hortifrúti frescas, em cadeias curtas e por serem alimentos perecíveis, com agilidade na entrega.

A Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional – Vigisan, divulgou que do total de 211,7 milhões de brasileiros(as), 116,8 milhões conviviam com algum grau de Insegurança Alimentar e, destes, 43,4 milhões não tinham alimentos em quantidade suficiente e 19 milhões de brasileiros(as) enfrentavam a fome no período da pesquisa que foi realizada no último trimestre de 2020 (Vigisan 2021).

Portanto, o sistema de frutas de hortaliças é classificado como estratégico para manter a segurança alimentar, de forma rápida e saudável (FAO 2020a).

Na delimitação do setor de produção de frutas de hortifrúti para o mercado brasileiro, deve-se considerar como altamente diversificado e segmentado, com dezenas de olerícolas sendo comercializadas e consumidas nas diferentes regiões do país, embora o volume da produção

tenha se concentrado em poucas espécies, como alface, batata, cebola, cenoura, melancia e tomate. A produção de grande parte do volume comercializado das hortaliças no Brasil é realizada por pequenos agricultores, geralmente denominados como “familiares” (EMBRAPA 2020).

O contexto do ambiente de produção e comercialização de frutas e hortifrutis foi afetado pela necessidade de ações de isolamento social, diante do elevado número absoluto de infectados e do iminente colapso dos sistemas de saúde, tendo como consequência, a redução da mão de obra e dificuldades de transporte. Na área rural, relatos de redução dos preços de comercialização da produção se relacionam com o dobro de insegurança alimentar (Vigisan 2021).

A comercialização desses produtos é feita em diferentes canais, como as centrais de distribuição (CDs) das grandes redes de supermercados, mercados menores, sacolões, feiras livres, restaurantes e/ou nas centrais de abastecimento (Ceasa, Ceagesp). O setor varejista tem se mostrado como um dos principais canais de distribuição de hortaliças e frutas, sendo que os supermercados constituem o principal canal nas áreas metropolitanas.

A busca por novas formas de alternativas de comercialização como a entrega de produtos utilizando *delivery*, *drive-thru* ou *take-out* foi a solução encontrada para escoar parte da produção. Na China 11% do varejo já é on-line, mercado que cresce 52% ao ano. Nos Estados Unidos 8% do varejo é on-line e cresce 12% ao ano (ABRAFRUTAS, 2021).

No Brasil há enorme oportunidade de crescimento, assim, a feira como tradicional “ponto de encontro”, passa a ser flexibilizada, com locais e horários para a distribuição dos produtos previamente acordados entre vendedores e consumidores, bem como entregas *delivery*.

Dentre os principais componentes do sistema, relações especializadas entre os agentes em determinado sistema podem ser feitas puramente no mercado, onde são regidas pelo sistema de preços. Alternativamente, e muito mais comum do que a forma anterior, os contratos – formais ou informais – representam mecanismos de troca de direitos de propriedade com vistas a gerar valor, alterações na oferta e demanda e aumento de preços são considerados nos estudos sobre o tema, assim como a necessidade de proteção dos produtores e trabalhadores do setor alimentício no contágio, para manter a cadeia produtiva e o fluxo do comércio de alimentos (FAO, 2020b), os esforços políticos dos países afetados são direcionados para conter o vírus, reforçando o isolamento social.

A insegurança alimentar advinda da presente crise pode ser motivada por meio da perda de renda, desemprego, como por meio da subida de preços de alimentos e pela impossibilidade prática de adquirir estes produtos. Em áreas já caracterizadas por instabilidade sociopolítica, a insegurança alimentar se constitui como um componente que pode agravar situações de pobreza, escassez de comida, violência e outras.

O World Food Programme ressalta que os impactos mais fortes com relação à elevação do preço de alimentos são percebidos por grupos mais vulneráveis (Sondergaard *et al.*, 2020). A FAO alerta para uma possível diminuição no consumo e impacto na qualidade dos alimentos, às populações com o mais alto grau de desigualdade e com altos níveis de pobreza serão as mais afetadas, como nas Comunidade de Estados Latinoamericanos, Caribenhos e América Latina, demonstrando que as variações no poder de compra das famílias geram mudanças na demanda por alimentos e no comportamento e preferência do consumidor (FAO, 2020a, FAO 2020b).

Neste contexto, o agronegócio, e mais especificamente as cadeias agroalimentares, poderiam ganhar especial relevância, tanto em termos estratégicos como de necessidade de respostas políticas imediatas. Primeiramente, a preocupação está voltada para a segurança alimentar, no sentido de garantir oferta de alimentos, a baixo custo, em um momento em que problemas de ordem econômica podem afetar a dinâmica das cadeias de suprimento, paralelamente à diminuição de renda da população.

Posteriormente, o foco voltar-se-á a padrões de segurança e sanidade do alimento, de modo a se garantir que novos problemas sanitários com características similares não venham a se repetir (Sondergaard *et al.* 2020).

Medidas de “nacionalismo alimentar” e restrições de comércio foram observadas em vários países como ações de combate aos efeitos da crise, gerando um alerta com relação ao acesso e ao comércio internacional de alimentos e levando a instituições como Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2020b) e Organização Mundial do Comércio (WTO 2020) a se manifestarem em contrariedade a este movimento. A presença das frutas nos gastos domésticos com alimentação, segundo a POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares), do IBGE (O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), subiu de 3,2% em 2008, para 3,5% em 2018, resultado das maiores despesas com outras frutas além da banana, maçã e laranja.

Para os legumes e verduras, a participação ficou praticamente estável, passando de 2,3% (POF-2008) para 2,4% (POF-2018). Apesar de o percentual dos gastos não ter se reduzido, o consumo médio de frutas e hortaliças caiu, no geral. Isso sinaliza que o brasileiro adaptou seu consumo para manter sua despesa média com hortifrutis nos lares, diante do aumento dos valores desses produtos nesse período.

Segundo o Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN), as respostas dos governantes sobre as medidas de enfrentamento à fome tem sido lenta e confusa, segundo o Guia de alimentação escolar no contexto da Pandemia Covid-19, prevê a garantia de compra de 30% da agricultura familiar (Pellanda 2020). Ações como a citada são fundamentais para chegar aos grupos populacionais mais afetados. Mesmo as políticas públicas com estratégias direcionadas, que são essenciais

e necessárias para minimizar os impactos em tempos de crise, produzem pontos cegos e lacunas de cobertura sobre o território e suas populações. Para ilustrar esta tendência do comportamento do setor em análise veja as Figs. 1 e 2.

A Fig. 2 retrata a comercialização total, considerando todos os produtos que compõem o grupo hortaliças, nas Ceasas analisadas. No mês de maio de 2021, o segmento apresentou aumento de 2,4% em relação ao mês anterior e aumento de 6,7% quando comparado ao mesmo mês de 2020, resultante de um levantamento feito pela Companhia Nacional de Abastecimento. (Conab 2021).

O estudo analisa a comercialização exercida nos entrepostos públicos de hortigranjeiros, que representam um dos principais canais de escoamento de produtos in natura do país. A conjuntura mensal é realizada para as hortaliças e as frutas com maior representatividade na comercialização efetuada nas Centrais de Abastecimento – Ceasas do país e que possuem maior peso no cálculo do



Figura 1. Enfoque sistêmico no setor de hortaliças e frutas.

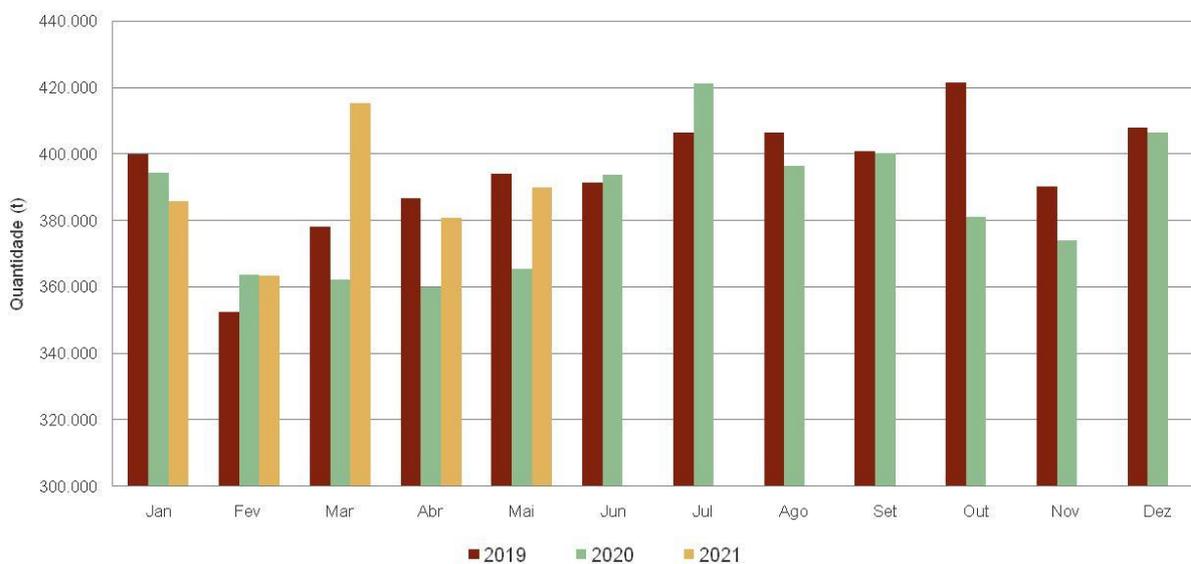


Figura 2. Quantidade de hortaliças comercializadas nas Ceasas em 2019, 2020 e 2021. Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (Conab 2021).

índice de inflação oficial, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA

A Fig. 3 retrata a comercialização total, considerando todos os produtos que compõem o grupo frutas, nas Ceasas analisadas. No mês de maio, o segmento apresentou aumento de 3,5% em relação ao mês anterior, em relação ao mesmo mês de 2020 o aumento foi de 4,4%.

Principais impactos da crise do coronavírus

Segundo Lima & Pedroso (2020), As cadeias produtivas de frutas e hortaliças no Brasil têm vários desafios com (1) a adequação às regras de rastreabilidade; (2) o comércio ilegal de defensivos agrícolas; (3) o registro de defensivos agrícolas para as culturas denominadas *minor crops* e para as frutas exportadas; (4) as perdas de produtos ao longo das cadeias produtivas; (5) o baixo consumo de frutas e hortaliças pelos brasileiros; (6) a padronização dos produtos; (7) a qualidade dos produtos em geral e também dos minimamente processados; (8) o custo de produção; (9) a logística e (10) o desenvolvimento por completo da “cadeia do frio Todos esses desafios são amplamente reconhecidos pelo setor privado e são objetos de discussão e de demandas de políticas públicas nas Câmaras Setoriais de Hortaliças e de Fruticultura mantidas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Além dessa série de desafios, é sabido que a atividade agropecuária envolve diversos riscos. Todos os anos espera-se que ocorra algo que não se pode controlar. Normalmente, os acontecimentos são relacionados com o clima que afeta a safra, os concorrentes no mercado internacional, a macroeconomia ou o próprio funcionamento do mercado de frutas e hortaliças.

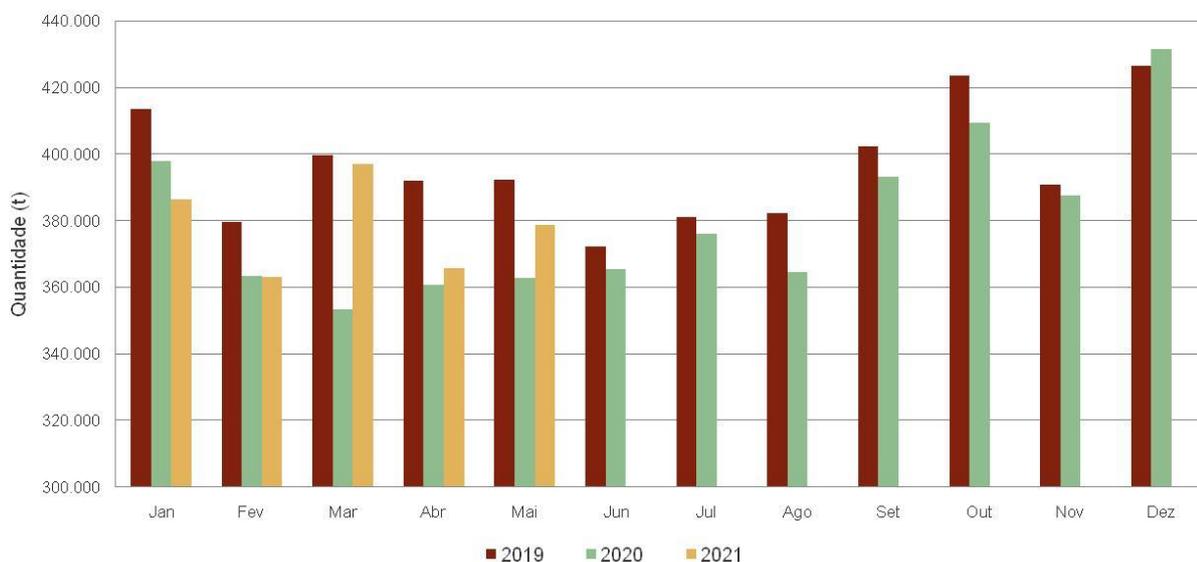


Figura 3. Quantidade de frutas comercializadas nas Ceasas em 2019, 2020 e 2021. Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (Conab 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender as oportunidades e os desafios que serão delineados daqui em diante é importante para tomar as decisões mais certeiras, pois uma gestão direcionada na oferta de produtos frescos e de qualidade a preços acessíveis conquistará uma fatia do mercado consumidor de alimentos industrializados e, como grande fornecedor global de alimentos, o Brasil está posicionado de maneira central no presente contexto global para assegurar a segurança alimentar.

Num primeiro momento, foi importante garantir o funcionamento, sem interrupção, do seu próprio sistema alimentar, agregando a todos os elos das cadeias de produção e distribuição um status de importância estratégica. Dessa forma, a pandemia oportunizou ao setor de frutas de hortaliças mapear os gargalos de produção, distribuição e comercialização e a continuidade do crescimento do setor está associado a aspectos econômicos, dependência da melhora da renda da população, aspectos sociais e culturais.

No contexto do Covid-19, o setor de frutas e hortaliças, deveria ser considerado um setor de maior prioridade, não só pela importância do consumo destes alimentos para prover a variedade de nutrientes necessários para manter o sistema imunológico funcionando corretamente em toda a população, bem como, garantir a renda de todos os envolvidos na cadeia do agronegócio e apoio político.

Para o desenvolvimento da Fruticultura no Brasil, um dos gargalos a serem trabalhados no mercado interno é o aumento do consumo de frutas e hortaliças, que é menor que as 400 gramas diárias preconizadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS. A recuperação da economia e do poder de compra da população estimula o aumento de consumo e consequente reflexo no incremento dos pomares e hortas.

REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Produtores E Exportadores de Frutas e Derivados (ABRAFRUTAS). 2021. Dados de exportação de frutas em 2021. Disponível em: <https://abrafrutas.org/2021/02/dados-de-exportacao-2020/>. Acesso em 4. 2021.
- Batalha, M. O. 2021. Gestão agroindustrial. São Paulo: Gen, 4 ed., 584 p.
- Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). 2021. Boletim Hortigranjeiro 7 (6) 2021. Disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro/hortigranjeiros-prohort/boletim-hortigranjeiro>. Acesso em: abril 2021.
- Empresa Brasileira De Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Comercialização e consumo de hortaliças durante a pandemia do novo coronavírus. Embrapa Notícias. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/52561599/artigo---comercializacao-e-consumo-de-hortalicas-durante-a-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em 4. 2021.
- Food And Agriculture Organization Of The United Nations (FAO). 2021. The impact of COVID-19 on fisheries and aquaculture food systems: possible responses. Rome, Italy. 35p. <https://doi.org/10.4060/cb2537en>
- Food And Agriculture Organization Of The United Nations (FAO). 2020. Fruit and vegetables – your dietary essentials. Rome, Italy. 82p. <https://doi.org/10.4060/cb2395en>
- Food And Agriculture Organization Of The United Nations (FAO). 2020. Addressing The Impacts Of Covid-19 in food crises. Rome, Italy. 20p. <https://doi.org/10.4060/ca8497en>
- Guimarães, R. M. 2018. Os impactos das políticas de austeridade nas condições de saúde dos países com algum tipo de crise. Trabalho, Educação e Saúde 16(1): 383–385 <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00117>
- Hoyweghen, V. K.; Fabry, A., Feyaerts, H.; Wade, I., Maertens, M. 2021. Resilience of global and local value chains to the Covid-pandemic: Survey evidence from vegetable value chains in Senegal. Agricultural Economics. 52: 432-440. DOI: 10.1111/agec.12627
- Lima, J. R. R., Pedrosa, M. T. M. 2020. Impactos da crise do coronavírus nas cadeias produtivas de frutas e hortaliças brasileiras. Revista de Economia e Agronegócio. 18(2) Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/rea/article/download/11126/6164> Acessado em 23.12.2021.
- Mykola, I., Vadim, A., Olena, K., Vitalina, M., Larysa, M. 2019. Social investments as the highest manifestation of implementation of social responsibility of the companies of agribusiness. International Journal of Recent Technology and Engineering. 8(3): 7124–7132. <https://doi.org/10.35940/ijrte.C6045.098319>

- Pellanda, A. (Org.) 2020. Guia para alimentação escolar em tempos de Covid-19. Rio de Janeiro: Brazilian Forum of Sovereignty and Food Security (FBSSAN) Disponível em: [https://fbssan.org.br/2020/05/Guia-Para-Alimentacao-Escolar-Em-Tempos-De-Covid-19/Acessado em 4. 2021.](https://fbssan.org.br/2020/05/guia-para-alimentacao-escolar-em-tempos-de-covid-19/)
- Rede Brasileira em Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar E Nutricional. Vigisan .2021. Inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. Curitiba: Bagai, 66p. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf . Acessado em 23.12.2021.
- Sondergaard, N., Gilio, L., Sá, C. D., Jank, M. S. 2020. Impactos da Covid-19 no agronegócio e o papel do Brasil: Parte I: Cadeias produtivas e segurança alimentar. São Paulo, INSPER, (2): 26p. Disponível em <https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2020/06/impactos-da-covid-19-no-agronegocio-e-o-papel-do-brasil-vf-a.pdf>. Acessado em 4. 2021.
- Universidade De São Paulo. USP. 2020. Mais frutas, hortaliças e feijão entraram na mesa do brasileiro durante a pandemia, mostra estudo NutriNet Brasil. Boletins da FSP. Disponível em: <https://www.fsp.usp.br/site/noticias/mostra/22097>. Acessado em 4. 2021.
- World Trade Organization (Wto). 2020. Agency chiefs issue joint call to keep food trade flowing in response to Covid-19.WTO News. Disponível em: https://www.wto.org/english/news_e/news20_e/igo_26mar20_e.htm Acessado em 4.2021.
- Zylbersztajn, D., Neves, M. F., Caleman, S. M. Q. (Org.). 2015. Gestão de sistemas de agronegócio. São Paulo: USP e Fundação Instituto de Administração, 304p.